



Projeto Rondon – Um impacto imensurável

Centro Universitário do Rio de Janeiro (Unilasalle – RJ)

Milena Pereira da Silva¹

Roberto Bidegain da Silveira Primo²

Este artigo tem como foco principal relatar a importância do Projeto Rondon e o seu impacto tanto nos municípios quanto na vida dos que de alguma forma participaram (ou participaram) do mesmo, uma vez que seus principais objetivos são a formação do jovem universitário como cidadão e o desenvolvimento sustentável nas comunidades carentes. O Projeto Rondon utiliza como base para a integração social uma união que conta com a coordenação realizada pelo Ministério da Defesa, possuindo também a colaboração de diversos ministérios e o apoio das Forças Armadas. A fundamentação desse artigo vem da experiência obtida na Operação Tocantins que ocorreu entre 19 de janeiro e 05 de fevereiro de 2017 e descreverá a atuação no município de Monte do Carmo-TO, onde se fez possível à utilização de ferramentas gestão de empresas privadas, na gestão pública municipal, comprovando assim que muito mais do que uma ação social, o Projeto Rondon pode mudar de fato a realidade dos que o recebe, deixando uma semente que frutificará muito depois da sua passagem pelos municípios. Este também descreverá o reflexo que a participação no projeto pode trazer aos seus participantes, tanto na vida acadêmica como na vida particular e profissional.

Palavras chaves: Projeto Rondon; impacto; gestão;

¹ Centro Universitário La Salle do Rio De Janeiro (Unilasalle – RJ)

² Centro Universitário La Salle do Rio De Janeiro (Unilasalle – RJ)

Rondon Project - An unmeasurable impact

Abstract: This article's main focus is to report the importance of Rondon Project (Projeto Rondon) and its impact in the cities and counties, as well as its influence on the life of those who somehow took part, or will soon participate in this process, as its principal goals are the training and development of graduate students into citizens, and also the sustainability of the communities in need. The Rondon Project counts with the union of the coordination performed by the Defense Ministry, along with other numerous Ministries, and the support of the Armed Forces as its basis for social integration. The foundation for this article comes from the experience gathered in the Tocantins Operation (Operação Tocantins) that occurred between January 19th and February 05th in 2017, and it will describe the performance of the project in the county of Monte do Carmo, in Tocantins, where the use of Private Company Management tools and concepts were able to be put into practice in the county's Public Management, therefore proving that the Rondon Project does not only act as a social agent, with collaboration purposes, but also that it can actually change the reality of those who receive the participants in their community, leaving a seed that will frutify long after their visit on those counties and cities. This article will describe as well the reflection that the participation in such a project can bring to its participants, in their academic, personal and professional life.

Key-words: Rondon Project; impact; managing;

1. O que é o Projeto Rondon?

A Constituição Federal, afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

(Art. 205. da Constituição Federal de 1988)

A grande maioria dos projetos de Extensão Universitária se baseiam nesse artigo para moldarem seus focos e objetivos, além de tornar essa meta em realidade.

Com o Projeto Rondon não é diferente, desde a sua primeira *Operação* realizada em 11 de julho de 1967 em Rondônia – AM com a atuação de 30 (trinta) universitários e 2 (dois) professores do antigo Estado da Guanabara, atual Rio de Janeiro, a sua visão principal era viabilizar a integração do estudante com a comunidade e mostrar a eles a realidade da sociedade brasileira, além de desenvolver nos mesmos um senso de cidadania. Esse primeiro formato era voltado especificamente para alunos de: Saúde, Educação, Direitos Humanos e Cultura.

O nome do Projeto é uma homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, que foi um dos primeiros homens de origem indígena a alcançar uma alta patente no Exército Brasileiro. Além disso, foi o grande responsável pelas instalações de linhas telegráficas que tinham por finalidade melhorar a comunicação de áreas muito isoladas do Brasil. Dele também é a tão famosa expressão: “Do Oiapoque ao Chuí”. Palavras que hoje podem, sem dúvidas, descrever claramente o Espírito Rondonista, pois as Operações do Projeto Rondon visam alcançar todo o Brasil e levar a todos um desenvolvimento e melhorias significativas, sem inibir a cultura e a essência local.

A base do Projeto Rondon é promover uma troca de conhecimentos e valores, estimular uma identidade de Nação e transformar, para melhor, todos que são impactados por ele.

Isso se tornou ainda mais viável através do atual modelo adotado pelo Projeto que agora é dividido em 3 (três) conjuntos: A, composto por estudantes na área de: Saúde, Educação, Direitos Humanos e Justiça e Cultura. B que abrange os alunos de: Trabalho, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção e o conjunto C, que atua na Comunicação. Dessa forma as ações ficam mais eficazes e abre a possibilidade de uma equipe de universitários muito mais multidisciplinar.

Todas as adaptações pelas quais o Projeto passou sempre o intencionaram a se tornar cada vez mais eficientes e eficazes, sabemos que se houver outras daqui para frente, será com o mesmo objetivo.

E esse é um dos motivos deste artigo, ilustrar a importância de as equipes levarem, sempre que possível, projetos visando a administração pública, pois além de ser um déficit nacional é também um caminho que poderá impactar os municípios a longo prazo e trazer a todos os que o receberem uma possibilidade real de mudanças, tanto financeiramente para o município quanto social, de um modo geral, para os seus cidadãos.

2. Uma operação em ação

Antes de entrar nesse assunto, vamos entender os acontecimentos que basearam essas afirmações.

Assim que a organização do Projeto Rondon liberou o resultado das IES (Instituições de Ensino Superior) aprovadas para a Operação Tocantins, a Unilasalle – RJ (Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro) entrou em clima de festa. Afinal, foram inúmeras inscrições para o processo seletivo das Instituições, havendo apenas 33 vagas para os três conjuntos e mesmo assim a Universidade, que só se candidatou para o conjunto B, foi aprovada em primeiro lugar com a nota máxima.

Era simplesmente inacreditável e essa informação trouxe a todos os alunos candidatos a Rondonistas uma espécie de senso de responsabilidade muito grande, pois precisávamos superar grandes expectativas que nos cercaria durante toda a Operação.

A divulgação do início do processo seletivo dos alunos ocorreu logo em seguida. A primeira etapa se deu pelas inscrições através do site da Instituição e após a avaliação dos candidatos, começou a segunda fase. Uma reunião com todos os pré-selecionados, cerca de 50 (cinquenta) alunos, com os coordenadores para a apresentação do Projeto, dúvidas foram sanadas e relatos de Rondonistas das operações anteriores da Universidade, foram ouvidas.

Depois foi o período de apresentação de oficinas. Um tema relacionado a ação que aconteceria durante a operação foi enviado por e-mail aos candidatos, que tiveram uma semana para preparar a oficina e apresentar aos demais concorrentes e coordenadores. Por fim, houve algumas dinâmicas de grupo, guiadas por um psicólogo da Universidade e uma semana depois foram divulgados os aprovados.

Complicado é expressar o sentimento ao ver seu nome nessa lista e saber que, entre tantos, você foi admitido para uma ação que iria mudar completamente a sua vida. Uma certeza que viera após ouvir outros já Rondonistas, tanto no modo de pensar e de ver sua sociedade, quanto no seu próprio caráter pois posso garantir que um Rondonista nunca retorna de uma operação o mesmo.

As semanas que se seguiram foram de organização, planejamento, criação das oficinas e de conhecimento da equipe. Nada podia dar errado, tínhamos que ter um plano B e até um C para tudo e estar preparados para possíveis necessidades de alterações no planejamento e uma notícia no meio desse processo nos surpreendeu. O município para o qual havíamos sido escalados, Ponte Alta – TO, não correspondeu às exigências do Projeto e um outro município foi selecionado de última hora: Monte do Carmo – TO. Esse era o nosso novo alvo e tínhamos pouco tempo para nos adaptarmos à realidade de lá.

A separação das oficinas era uma escolha dos Rondonistas. Contudo, por ser a única aluna de administração, por senso comum, foram-me destinadas as de Administração Pública. As restantes ficariam com um aluno de Engenharia de Produção, porém, deveríamos trabalhá-las juntos. Isso me assustou a princípio e deixou claro que seria um trabalho que me exigiria a todo momento uma superação, uma vez que o foco da minha graduação é empresarial. Eu só havia cursado uma optativa em administração pública, mas isso deveria bastar.

Quando o conjunto A, que estaria conosco na Operação, foi formado, estabelecemos contato por redes sociais e iniciamos o processo de adaptação antes mesmo da chegada a Tocantins. Por serem do Sul do Brasil, esperávamos uma dificuldade de interação, mas como bons cariocas, o grupo B se responsabilizou em fazer com que os nossos parceiros de ação se sentissem da família. Criamos oficinas nas quais os 16 (dezesseis) Rondonistas trabalharam juntos em favor da comunidade de Monte do Carmo. Naquele momento havíamos vencidos duas barreiras, a da integração de equipe e a de realização um trabalho interdisciplinar.

Nossa integração foi tão nítida que virou matéria da revista da Universidade. Já nos víamos como uma família, todos estavam dispostos a passar por cima das diferenças e deu tão certo que continuamos uma família mesmo depois da operação. Sempre há novos membros, mas nós somos a Família Rondon.

3. Um lugar chamado Monte do Carmo

O grande dia havia chegado e a ansiedade emanava de cada um, o ponto de encontro foi a nossa Instituição de Ensino e a mesma providenciou um transladado até o aeroporto. Fizemos quase 4 (quatro) hora de viagem, com uma pequena escala em São Paulo.

Quando chegamos em Tocantins já passava da meia noite e mesmo assim pulamos de alegria ao ver a equipe do Conjunto A à nossa espera. Os gritos de felicidade chamaram a atenção de todos, reportagem, representantes do Estado e do Exército que nos aguardavam.

Naquele instante a equipe de Monte do Carmo estava unida para jamais se separar, é uma cumplicidade que se estende até os dias atuais e sem dúvidas foi decisiva para o sucesso da Operação.

Acordamos cedo, nos arrumamos na correria porque havia chegado o dia de irmos para o município de Monte do Carmo, tomamos o café e levamos nossos pertences para o ônibus, marcado para sair às 7:00 da manhã naquele domingo. O dia estava lindo e uma outra equipe que ficaria no município vizinho foi conosco no mesmo transporte. Para essa operação somente duas IES do RJ foram aprovadas e a outra estava ali, o que se transformou em motivo de festa. Com eles estava uma equipe de Minas Gerais, diferentes lugares com um só objetivo, fazer o melhor pelos municípios para os quais havíamos sido designados.

Nossa equipe desce primeiro e os que estavam presentes para nos receber se espantaram com a quantidade de Rondonistas, pois éramos 32 membros descarregando as malas, uma vez que a equipe do outro município fez questão de nos auxiliar nesse processo. Depois que acabamos, nos despedimos da equipe que seguiu viagem e conhecemos o prefeito da cidade, alguns secretários, vereadores e a mídia local que vieram nos dar as boas-vindas com um delicioso café da manhã típico da região.

Mal acabamos de comer e não tivemos tempo nem de colocar as malas nos dormitórios, pois o prefeito fez questão de irmos até uma festa local que estava acontecendo naquele exato momento. Era uma corrida de cavalos muito famosa no lugar que atrai pessoas dos

municípios vizinhos para participarem e assistirem. A primeira impressão era de uma cidade feliz e chegamos a nos questionar se realmente havia a necessidade da nossa presença, mas logo confirmamos que sim.

Iniciamos a divulgação das oficinas no dia seguinte. A rádio local à nossa disposição, mas mesmo assim o conjunto B se dividiu em quatro grupos de dois e rodamos o centro da cidade batendo nos estabelecimentos e casas fazendo os convites. Foi também um dia de organização. Conhecemos os funcionários públicos e agendamos as oficinas voltadas para eles e definimos os locais a serem usados. Começamos, enfim, a pôr em prática o planejamento realizado nos últimos meses.

No segundo dia foi o momento de iniciarmos o trabalho na área de administração pública. Houve uma reunião no gabinete do prefeito com todos os secretários, meu coordenador e nós dois, alunos designados para essa área. Somente um secretário não pode comparecer por estar em outro município e nos procurou posteriormente para saber sobre a reunião. Quando todos se acomodaram, nosso professor fez a introdução da importância do Projeto Rondon e, para a minha surpresa, me passou a palavra. Quando uma estudante no meio da graduação poderia esperar estar nessa posição? Todos me olhavam como se eu tivesse todas as respostas e novamente senti o peso da responsabilidade que teria ali. Apresentei os temas das oficinas, mas fui interrompida por um secretário pedindo a minha ajuda para algumas atividades que lhes cobrava ação urgente. Fazia parte do que havíamos preparado para eles e em um determinado momento a reunião se tornou o início de um Planejamento Estratégico para a cidade. Meu professor sorria com a empolgação e o nítido desejo deles de fazer algo para mudar a situação do município. Eu, no entanto, estava com as mãos geladas. Soube então que poderia auxiliar em algo realmente significativo se fizesse tudo de maneira correta. Contudo, se eu falhasse, no mínimo perderia a oportunidade de ajudar aquele lugar e, sinceramente, eu não me senti preparada para essa missão.

Quando saímos da prefeitura o outro aluno que estava comigo me disse que me daria todo o apoio que eu precisasse, mas que não poderia me ajudar muito por ser uma área totalmente desconhecida para ele. Mal sabia que para mim não era muito diferente. Ao chegar no alojamento fui estudar tudo que me foi questionado e que eu não tinha certeza ou nunca havia ouvido falar. Conversei com o meu coordenador que me ajudou a

reorganizar as oficinas e, no final, me atentou a algo que mudou meu modo de pensar até então.

No momento em que eu fui designada para a área pública, comentei que não era atraída por ela. Além dele insistir em me lembrar disso, fez questão de mostrar que há pessoas bem-intencionadas nessa área necessitando apenas de orientação para fazer o necessário e fazê-lo bem. Esse era o incentivo que eu precisava, ali havia pessoas que não tinham noção das oportunidades em suas mãos, mas queria ter e eu sabia que não podia mudar tudo em apenas duas semanas, porém, eu podia mostrar o caminho e o faria da melhor forma possível.

4. Diga-me aonde você quer ir e eu te direi como chegar!

As propostas de ação que haviam sido preparadas eram: Criação de orçamento anual, Elaboração de manual das práticas dentro dos setores, Elaboração e Gerenciamentos de Projetos, Financiamento de Projetos, entre outras.

A intenção era apresentar à administração local o básico para que conseguissem verbas Estaduais e Federais e soubessem como usa-las de forma consciente.

Porém, logo no dia da primeira oficina, percebeu-se que eles queriam fazer o melhor para o município, mas não sabiam exatamente aonde queria chegar e o como pretendiam fazer. Não se pode fazer Planos Estratégicos se não há um Planejamento Estratégico. Seria como se um turista o encontrasse em Brasília lhe perguntando o caminho para praia. Você poderia ensiná-lo a ir para Fernando de Noronha, mas ele na realidade queria ir para Cabo Frio. Para não correr o risco, iniciamos utilizando ferramentas da administração comumente aplicadas na área privada. Foi feita uma Matriz SWOT, depois usamos o Diagrama de Ishikawa (Espinha de Peixe) e seguimos essa linha de raciocínio até descobrirmos que a maior dificuldade do município era a falta de água, algo que nos trouxe estranheza, pois o mesmo possui mais de dez cachoeiras e um rio corta a cidade.

Mas informações foram sendo agregadas e fomos descobrindo irregularidades ambientais que eles não tinham ideia que era ilegal. Orientamos os caminhos a serem seguidos dentro da lei e que eles deveriam tomar para desapropriação das nascentes, mas como sabíamos

que esse seria um árduo processo a percorrer, partimos para um plano de contingência. Foi triste saber que no ano anterior a população ficou dez dias sem água nem para as áreas essenciais como saúde e educação e que tiveram que pedir ajuda ao município vizinho até que as chuvas retornarem, sabemos que muitos lugares no Brasil sofrem com essa triste realidade, mas ver que isso se dá em um lugar rico na mesma e que é uma das entradas para o Jalapão foi revoltante e tudo devido a uma má administração anterior.

Nossa estadia em Monte do Carmo foi muito mais um aprendizado do que um ensino, me fez ver que uma área que traz tanta revolta ao brasileiro não deve jamais ser desprezada, pelo contrário, há uma nítida necessidade de pessoas preparadas para atuar nessa área. Confesso que não pretendo atuar diretamente nela, porém, hoje eu sei que posso auxiliar para que o nosso país no futuro venha viver uma realidade bem diferente da atuação, se os meus colegas de profissão pararem de somente questionar e também se disponibilizaram a ajudar nesse processo, não há dúvidas de que podemos mudar a situação em todo o país.

Os últimos dias foram um misto de felicidade pelo dever cumprido e uma saudade com sensação de que poderíamos fazer muito mais se tivéssemos mais tempo. A população nos gritava na rua pedindo que não fossemos embora e sei que a equipe ficaria de bom grado se assim fosse possível, mesmo com as dificuldades em dormir com o colchão no chão, do banho com um fio de água gelada que saía do chuveiro, de dormir no calor sem ter nem um ventilador sequer para os vinte da equipe, de ter que dar as oficinas numa sala e várias vezes um sapo passar pulando e ver um cachorro dormindo em um canto da mesma. Nada era empecilho e muito menos nos chateava, fomos preparados para ser bem pior.

Ganhamos amigos inesquecível, aprendemos coisas que só é possível através do Projeto Rondon e vivemos uma experiência que nos marcou para o resto da vida. O impacto que esse Projeto tem vai muito além do que um dia alguém poderia mensurar.

O município que o recebe tem acesso a informações e experiência que dificilmente teria se não fosse o Rondon. É perceptível que os oficiais da Defesa que se envolve no Projeto sentem esse impacto também, pois precisam se adaptar a lidar com estudantes universitários e com a sociedade local, vemos que o anjo (representante das Forças Armadas que é separado para acompanhar as equipes durante toda a Operação) é um quando vai para o município e outro quando voltar de lá. Os professores Rondonistas também são diferentes dos demais, eles vivem os nossos dramas, choram conosco, vibram

com as nossas conquistas e assumem muita das vezes um papel de pai e mãe dos alunos Rondonistas, são mais humanos e tem um senso de justiça muito mais amplo que os demais, não tem como ser diferente, pois é algo que passa a fazer parte do seu DNA.

Em relação aos alunos, simplesmente não dá para descrever. As primeiras noites de novo em sua cama, no seu quarto, são as piores, isso porque apesar do mínimo de conforto, todas as lembranças estão frescas e parece injusto ter a comida que você tem, o chuveiro com uma ducha forte e uma cama quente enquanto há pessoas no seu país que nem sabe o que é isso. Se sente falta até de dormir amontoado no chão e se estranha a falta de mosquitos zumbindo em seus ouvidos, mesmo com os repelentes.

Percebesse que somos consumidas de maneira desenfreada e desnecessária, fazemos questão de um sapato novo só porque vimos na loja, enquanto a pessoas que andam descalças por não terem o que calçar e são felizes mesmo assim.

Que há famílias de seis pessoas ou mais que vivem com a aposentadoria de um dos membros da mesma ou com uma das bolsas do governo e que nunca imaginaram que existe uma vida diferente disso. O principal, quando voltamos da viagem, voltamos revoltados com a realidade do nosso país! Um país que não aparece na mídia porque não é de interesse dos que a manuseiam, revolta por desejar um país mais igualitário e não falo de comunismo, pois virou moda no Brasil quando se fala em um país mais justo dizerem que é um pensamento comunista surreal e não é isso que um Rondonista quer. Desejar educação de qualidade, boa alimentação e saúde é ser utópico? No nosso país tem sido, mas como Rondonista que sou, acredito que se cada um de nós fizermos a nossa parte isso pode mudar.

5. Uma vez Rondonista, sempre Rondonista!

Essa frase descreve a realidade após a participação nesse programa de extensão. Todas as ações e pensamentos de um Rondonista sempre terá uma amplitude que engloba cidadania, justiça e igualdade.

A vida de um Rondonista nunca mais é a mesma! A participação descrita neste artigo se passou em janeiro de 2017, ele foi escrito em julho do mesmo ano e afirmo isso com os pés no chão.

Minha intenção ao me candidatar para o Projeto Rondon foi no âmbito social, sempre realizei trabalho voluntário e vi nele a oportunidade de fazer algo realmente relevante para a sociedade, em nenhum momento pensei que ser Rondonista impactaria de forma tão relevante na minha vida.

Antes mesmo da Operação Tocantins, eu já trabalhava em uma posição de gestão na área privada e as experiências que obtive lá me fizeram repensar e melhorar meus processos nessa empresa em que atuo, contudo, em maio recebi um convite para um estágio em meu município e o professor que fez essa ligação entre o mentor do estágio e eu, levou em consideração a minha atuação no Rondon. Esse estágio, em que hoje atuo por tempo indeterminado é na Secretária de Ordem Pública (SEOP) da minha cidade e minha função é viabilizar o Planejamento Estratégico da secretária no município.

Hoje eu posso colocar em prática tudo que o pouco tempo em Monte do Carmo não me permitiu lá, a prefeitura atual do meu município comprou a ideia de ter uma administração pública mais atualizada e com ações antes só utilizadas na área empresarial e até o presente momento tem permitido com que no cenário atual de crise mundial aonde o Rio de Janeiro já praticamente decretou falência, fazemos parte de um dos poucos municípios do Estado que estamos com as contas em dia e com folga para investimentos.

Estar estagiando na SEOP me faz remeter ao Projeto Rondon sempre, trabalhar com a Guarda Municipal, ter acesso direto ao secretário, são coisas que só se tornaram possíveis porque o Rondon me ensinou a acreditar que eu posso fazer algo a mais.

6. Conclusão

Por toda as experiências vividas e por ver a teoria se tornar concreta, defendo a posição de que as Operações Rondonista deveriam ter como parte de sua atuação nos municípios ações focadas na administração pública de forma obrigatória, pois assim não seria algo de

momento, mas sim teríamos uma semente real deixada em cada lugar que o Rondon esteve.

Sabe-se que um dos principais problemas na administração pública é a sua inconstância, pois a cada novo governo tudo o que foi realizado anteriormente pode ser desfeito. Contudo, é possível incentivar os atuais governantes a criarem projetos de leis que, caso seja aprovado, inviabilizará que os próximos administradores desfaçam esses benefícios deixado na cidade, já que para que uma lei seja revogada será necessário um processo custoso o que normalmente é motivo de desistência entre os governantes.

A ação em Monte do Carmo permitiu, segundo as últimas informações que recebi, que o município conseguisse verba para a criação de poços, o que demonstra resultados de duas oficinas trabalhadas lá, além do que realmente importa, os atuais governantes já estão conseguindo caminhar sozinhos e tirar do papel o que antes era apenas um sonho. Para nós fica a felicidade de saber que esse ano é bem possível que a população de lá não passe sede.

7. Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Ministério da Defesa: <http://www.defesa.gov.br/programas-sociais/projeto-rondon>